

A FIGURA DO CLOWN NA PEDAGOGIA: ANÁLISE DE ASPECTOS DO CLOWN COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA

THE FIGURE OF CLOWN IN PEDAGOGY: ANALYSIS OF CLOWN ASPECTS AS A PEDAGOGICAL STRATEGY

LA FIGURA DEL CLOWN EN PEDAGOGÍA: ANÁLISIS DE ASPECTOS DEL CLOWN COMO ESTRATEGIA PEDAGÓGICA

Cleiton Vaz dos Santos¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é evidenciar, através de pesquisa bibliográfica, como o *clown* pode ser empregado como ferramenta pedagógica, com quais habilidades e em que contextos pode contribuir para a educação. Identificou-se que é possível usar o *clown* como estratégia que vise o autoconhecimento, a humanização do processo de ensino-aprendizagem, em uma ação de horizontalização do saber. Para definir a figura do *clown*, analisaram-se alguns conceitos de Lecoq (2018 apud FREIXE, 2018); a vinculação do *clown* com a educação, estudada por Nunes (2016, 2017), que recorre a Reverbel (1979), Spolin (1979) e Koudela (1999). O *clown* é uma figura excêntrica, icônica e irreverente, cujo principal objetivo é desconstruir estereótipos e revelar o verdadeiro eu de quem o constrói. Conclui-se que pode ser utilizado como estratégia pedagógica; que permite humanizar o ensino e modificar paradigmas de aceitação do erro; e que a discussão sobre ele deve ser ampla, não restrita à área educacional, mas estender-se a todos os âmbitos que produzam conhecimento.

Palavras-chave: *clown*; educação; estratégia pedagógica.

Abstract

The objective of this work is to show, through bibliographical research, how the clown can be used as a pedagogical tool, with what abilities and in what contexts it can contribute to education. It was identified that it is possible to use the clown as a strategy aimed at self-knowledge, the humanization of the teaching-learning process, in an action of horizontalization of knowledge. To define the figure of the clown, some concepts by Lecoq were analyzed (2018 apud FREIXE, 2018); the link between the clown and education, studied by Nunes (2016, 2017), who consults Reverbel (1979), Spolin (1979) and Koudela (1999). The clown is an eccentric, iconic and irreverent figure, whose main objective is to deconstruct stereotypes and reveal the true self of those who build it. It is concluded that it can be used as a pedagogical strategy; that allows for humanizing teaching and modifying error acceptance paradigms; and that the discussion about it should be broad, not restricted to the educational area, but extended to all areas that produce knowledge.

Keywords: clown; education; pedagogical strategy.

Resumen

El objetivo de este trabajo es demostrar, por medio de revisión bibliográfica, cómo el *clown* puede ser empleado como herramienta pedagógica, con qué habilidades y en qué contextos puede aportar a la educación. Se pudo constatar que es posible usar el *clown* como estrategia para buscar el autoconocimiento, la humanización del proceso de enseñanza-aprendizaje, en una acción de horizontalización del saber. Para definirse la figura del *clown*, se analizaron algunos conceptos de Lecoq (2018 apud FREIXE, 2018); el vínculo del *clown* con la educación, estudiado por Nunes (2016, 2017), quien remite a Reverbel (1979), Spolin (1979) y Koudela (1999). El *clown* es una figura excéntrica, irónica e irreverente, cuyo principal objetivo es desconstruir estereotipos y revelar el verdadero yo de quien lo construye. Se concluye que puede ser utilizado como estrategia pedagógica; que permite humanizar la enseñanza y cambiar paradigmas de aceptación del error; y que la discusión sobre él

¹ Acadêmico do curso de especialização em Metodologia de Educação no Ensino Superior do Centro Universitário Internacional (UNINTER), formado em Ciências Contábeis na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Pós-Graduado em Gestão Tributária e Finanças na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. E-mail: cleitonvaz_@hotmail.com.

debe ser amplia, sin restringirse al área de la educación, sino extenderse a todos los ámbitos en que se produzca conocimiento.

Palabras-clave: *clown*; educación; estrategia pedagógica.

1 Introdução

O desenvolvimento de processos para atrair os alunos, assim como a busca de formas mais dinâmicas de ensino-aprendizagem tratam sempre de encontrar novos recursos e estratégias, pois a melhora na educação deve ser contínua.

A figura do *clown*, excêntrico e sempre disposto a modificar o ambiente em que intervém, pode constituir-se em um instrumento de ensino valioso, mas é necessário perguntar-se como o palhaço, figura tão presente em hospitais, asilos, projetos de extensão universitária, entre outros, pode contribuir com o processo pedagógico da educação, tanto como dispositivo pedagógico como na construção de profissionais dinâmicos.

A preocupação por maneiras distintas de realizar o ensino-aprendizagem nos aproxima dos mais diversos recursos disponíveis, tendo sempre em mente o melhor proveito do aluno e melhores formas de comunicação com ele. Por ser o *clown* um instrumento tão diferenciado, pode ser usado como ferramenta pedagógica?

A figura do *clown* é frequente em diversos locais — hospitais, asilos, até mesmo em palestras ou eventos —, porém ainda pouco se discute se pode ser um instrumento facilitador no ensino-aprendizagem. Geralmente o *clown* recebe formação dentro do ambiente universitário, em projetos de extensão que visam a inter e a multidisciplinariedade, contextos básicos para a formação acadêmica na atualidade.

O *clown*, principalmente em hospitais, tem como função desvincular o paciente, acompanhantes e profissionais ali presentes deste ambiente; atua de forma cômica, satírica, através de brincadeiras, musicalização ou teatralização, com o objetivo de amenizar os impactos da hospitalização.

A utilização desta figura no âmbito pedagógico teria o objetivo de realizar o ensino de maneira lúdica, desvinculando o aluno da forma atual de educação e retirando o foco da sala de aula; assim transmitir-se-iam conhecimentos diversos, multidisciplinares, com leveza e descontração.

Para evidenciar trabalhos acadêmicos já publicados sobre o *clown* como ferramenta pedagógica e sobre como suas habilidades podem contribuir com a educação, traçaram-se objetivos específicos relativos à apresentação de conceitos de *clown* e de sua construção, e

centrados na busca e discussão de pesquisas que usem o *clown* como estratégia, com respectivas conclusões sobre o tema.

2 O *Clown* e a educação

A busca de maneiras distintas de realizar o processo de ensino-aprendizagem nos leva aos mais diversos recursos disponíveis, tendo sempre em vista o melhor proveito do aluno e formas que facilitem a comunicação com ele. Mas, pelo fato de o *clown* ser tão diferenciado, pode ser utilizado como ferramenta pedagógica? Para responder, precisamos primeiramente delimitar o que são ferramentas pedagógicas, o que é o próprio *clown* e como se dá a sua construção; posteriormente analisamos as correlações, buscando unificar estas duas variáveis, de universos distintos, para colocá-las dentro do mesmo espaço, para então servir como suporte de ensino-aprendizagem, não somente na educação infantil, mas também na superior.

2.1 Estratégias pedagógicas

As ferramentas pedagógicas provêm de diversos meios para facilitar o ensino-aprendizagem, porém, o grande desafio na atualidade é realizar esse processo de forma envolvente, que elimine o fator dicotômico, conforme menciona Nogueira (2012), onde o professor é o detentor do conhecimento e o aluno o receptor.

Dentro das teorias cognitivas da aprendizagem, Skinner (2000) desenvolve o método de ensino programado, criado em meados de 1950, o qual considera o mais eficiente para ensinar. Consiste em um sistema de perguntas e respostas com dificuldades crescentes, ou seja, as respostas iniciais têm um nível de dificuldade menor e se amplia a exigência de acordo com os acertos. O reforço consiste no fato de a resposta correta não ser apresentada ao aluno imediatamente, incentivando-o a continuar tentando e desenvolvendo o aprendizado.

Para Lakomy (2014), o estímulo-resposta implementado nas “máquinas de ensinar” tem como objetivo fazer com que o aluno seja reforçado positivamente em cada acerto, para que continue estimulado a dar novas respostas. Nessa programação, os conhecimentos seguem sempre uma ordem lógica, com o nível de dificuldade elevado a cada nova resposta; dividem-se sempre em pequenos passos, sendo que as perguntas são corrigidas imediatamente; a cada acerto a criança é elogiada e os erros reforçados negativamente.

Este processo, segundo Skinner (2000), também deve levar em consideração a capacidade associativa do aluno, o reforço da aprendizagem através do exercício e da prática,

as recompensas positivas e ainda a similaridade de resolução de problemas, por repetição, para que se possa criar o *insight* e, posteriormente, a transferência da aprendizagem. Vemos desta forma que a fonte do saber ainda parte de uma figura única, o professor; o docente é o formulador desses passos, considerando apenas o seu ponto de vista, o que distancia o aluno da realidade, dos contextos em que está inserido e exclui todo o seu conhecimento prévio.

O desenvolvimento tecnológico hoje permite muito mais que o uso do computador e seus recursos, como menciona Rocha (2013); pode-se usar tudo o que se cria em termos de novas formatações; são modificações às formas visuais, gestuais e simbólicas que transformaram o modo de se explorar o mundo através do rádio, da televisão, do cinema, do teatro, do jornal, da pintura e das artes em geral, e ainda da música e dos sons.

Segundo o autor supracitado, modificaram-se as perspectivas de ensino-aprendizagem, que se tornaram mais dinâmicas; as tecnologias fizeram-se presentes no cotidiano dos locais de ensino, o que exigiu adaptações até na forma de aprender, com os processos instaurados no ensino a distância. Porém, toda essa tecnologia no ambiente de ensino pode ter seus pontos negativos, principalmente relativos ao distanciamento entre professor e aluno. Os recursos tecnológicos são aplicados como meio e fim do ensino, sem discussão sobre onde se quer chegar com a aplicação de um filme, ou de um comercial, por exemplo, apresentados em aula para dinamizar o ensino-aprendizagem.

Desta forma, a figura do *clown*, com toda sua excentricidade, pode auxiliar nessa dinâmica, não somente pela sua forma de atuar, mas como desmembrador de pontos não elucidados durante o processo de ensino-aprendizagem. Em consequência, possibilitará a análise de algo que deixou de ser avaliado, ou seja, aquilo que o *clown*, com toda sua simplicidade e perspicácia, tenha captado e que passou despercebido; poderá, assim, trazer à tona temas fundamentais para o debate e criação de conhecimento coletivo.

2.2 O *Clown*

Dentro da construção do *clown*, o que figura é a essência de quem o compõe; isso exige um grande autoconhecimento, perspicácia e dinamismo, para que possa ser apresentado de forma icônica. Para a formação do eu-*clown*, utilizam-se ferramentas circenses modernas ou basilares, mas se mantém o foco em habilidades e comportamentos do próprio sujeito.

Segundo Volpato (2016), todo ser humano nasce espontâneo, porém, a modulação ao longo da história do sujeito retira esta espontaneidade, limitada pelo que é certo e errado, pelo que pode ser dito ou não e, ainda, por erros que influenciam a apresentação e representação de

si. A formação do *clown* se dá principalmente pelo resgate do eu, da ingenuidade da infância, da eliminação do medo do erro e acerto; ou seja, trata-se de distanciar a formação do eu com que me apresento à sociedade e agir de forma mais transparente, mitigando o dualismo criado entre certo e errado, verdade ou mentira, ou até mesmo entre o que é sagrado ou profano, que por vezes moldam o caráter pessoal, mas reprimem a expressão dos sentimentos.

Segundo Sato *et al.* (2016), em uma revisão sobre o *clown*, afirma-se que sua origem é europeia; no século XVII, exibiam-se diversas habilidades circenses para entreter a plateia entre as apresentações. As principais eram acrobacias ou malabarismos, que o palhaço não tinha habilidade corporal ou força física para executar; então realizava, de forma improvisada, satirizada e principalmente cômica, reprises destas apresentações. Já o *clown* em hospitais, por exemplo, tem sua face recoberta apenas pelo nariz e emprega diversos meios para interação com os presentes. Faz uso de musicalização, interpretação, dança, mas, acima de tudo, do improviso; dá respostas rápidas, as mais diversas possíveis, dispondo do que está no ambiente como material. Impõe-se como doutor e, desta forma, trabalha de forma lúdica com o real e o imaginário, onde o soro vira *milk shake* e o leite vira uma espaçonave.

Ainda de acordo com o estudo de Sato *et al.* (2016), o palhaço de hospital, representado por profissionais capacitados para o trabalho ou voluntários — que também passam por capacitação —, sempre tem retornos positivos, principalmente pelo caráter de humanização do ambiente hospitalar. Seu olhar vai além de um corpo doente, de um número de prontuário, de um profissional cansado, ou seja, vai além dos papéis que quem está presente representa. Desta forma, podemos considerar que este recurso poderia ser utilizado dentro do ambiente de formação, para enxergar muito mais do que alunos, ver além do que está presente, para resgatar e cativar o ambiente de ensino e aprendizagem.

No ponto mais emblemático do vínculo aluno-professor, está o movimento de horizontalização desta relação; nela o *clown* pode ser uma ferramenta pedagógica, como aponta a pesquisa de Costa (2018), que considera que a figura do palhaço tem papel importante na humanização; respeita cada sujeito, mostra que todos podem ser construtores de conhecimento e, de forma lúdica, envolvente e permissiva, trabalha no sentido de alcançar objetivos e disseminar o saber.

2.3 O *Clown* como estratégia pedagógica

O *clown* possui diversas facetas que auxiliam nos mais diversos momentos e lugares; talvez a mais lembrada seja a sua contribuição para o riso, cujos benefícios são amplamente

estudados e aplicados em hospitais, asilos, no meio educacional e, recentemente, no ambiente corporativo. Goleman (2012) cita, por exemplo, que uma boa risada pode relaxar o corpo inteiro, alivia a tensão física e o estresse, deixando os músculos relaxados por até 45 minutos.

O riso, além de contribuir para o relaxamento das pessoas, permite a quebra de barreiras criadas em alguns lugares, desfragmentando paradigmas de rigidez e favorecendo a qualidade do clima nestes ambientes. Ao retirar a tensão, permite que o processo em questão seja facilitado.

Outro grande aporte do *clown*, segundo Nunes (2016), refere-se ao conhecimento de si e do outro, principalmente pelo fato de que cargas horárias extensivas e atividades intensas não proporcionam tempo para se conhecer entre docentes e alunos. Esta relação com o modo automático de agir e pensar sobre o mundo não permite uma crítica reflexiva — em conjunto entre professor e aluno — sobre o processo de ensino-aprendizagem; além disso, a estrutura hierarquizada da educação dificulta a autogestão; segue-se uma ordem pré-estabelecida e não se trata de ouvir os alunos e entender suas realidades e contextos.

No caminho de conhecer-se a si mesmo estão implicados alunos e professores; o sucesso escolar pode ser reafirmado através da inteligência emocional, como indica o trabalho de Silva e Duarte (2012). Os mencionados pesquisadores constataram melhores resultados ao vincular o autoconhecimento e a inteligência emocional com os resultados escolares. Sendo assim, conhecer-se, ter consciência de sua forma de ensinar e aprender, saber qual é a sua reação frente a dificuldades, fortalece a resiliência e permite que sejam amplamente mais proveitosos o aprender e o ensinar.

O autoconhecimento contribui significativamente com os resultados escolares. O seu progresso pode ser facilitado através da formação do *clown*, da aplicação de suas técnicas nos ambientes educacionais e de formação de docentes, pois pode dinamizar as estratégias pedagógicas. O próprio *clown* se transforma em uma estratégia para enfrentar o que criticamos na educação: esquemas engessados, autoritários e que não permitem a subjetividade dos alunos. Também as formas de avaliação poderiam ser revisadas, para evitar que o dito pelo professor seja assumido como verdade única, que deve ser absorvida pelo aluno e repetida nas avaliações. Para Both (2012), é necessário desmistificar essas barreiras para tornar a avaliação mais construtiva.

Visando então o ensino-aprendizagem e a necessidade de transformar a realidade de uma educação fortemente hierarquizada — que não leva em consideração o contexto e a história de cada aluno e com avaliações punitivas —, Nunes (2016) nos indica que a utilização do *clown* ganha forças dentro do ensino. Possibilita e facilita a aprendizagem,

tornando-a viva, alegre, dinâmica; permite a troca de informação, ensina a não temer os erros nem o fracasso. Desmantela o conceito de ensino e aprendizagem que temos em nossa realidade, permitindo, principalmente, o conhecimento de si e do outro.

Apresentam-se, assim, bases consistentes para o uso do *clown* e sua formação como ferramenta pedagógica, que agrega valor ao ensino-aprendizagem, principalmente por desconstruir o processo existente, em função de uma relação horizontal em sala de aula.

2.4 Metodologia

Com o advento das tecnologias, principalmente nos ambientes educacionais e de formação de profissionais, a disseminação de monografias, teses e tantos outros trabalhos acadêmicos tem se tornado amplamente comum, gerando informação nas mais diversas áreas e ciências. Isso nos leva à reflexão sobre como podemos unificar este conhecimento e analisar como está sendo trabalhado determinado conteúdo nos mais diferentes lugares.

Levando em consideração esse amplo conhecimento, o presente trabalho caracteriza-se como revisão bibliográfica que, conforme Gil (2002, p. 44), se trata de uma pesquisa com base em materiais já elaborados e que tem como arcabouço de sua construção, livros e artigos científicos. A procura por informações, nesta categoria de pesquisa, permite revisão ampla sobre o assunto discorrido, o que contribui de forma substancial para a produção do conteúdo apresentado.

O presente trabalho buscou artigos científicos publicados desde 2016, que tratassem a temática da utilização do *clown* como ferramenta pedagógica, a fim de identificar relevância da diversificação de formas de ensino-aprendizagem, principalmente com foco na multidisciplinariedade.

2.5 Revisão de conceitos do *Clown* como estratégia pedagógica

A arte de ensinar exige grande expertise e uma renovação constante para o desenvolvimento deste crescimento único na vida das pessoas, seja qual for a fase em que os conhecimentos estão sendo agregados — na infância quando ainda estamos mais abertos ao aprender, ou na vida adulta quando já carregamos uma bagagem de experiências; renovar este processo de aprendizagem é essencial.

O *clown*, para Marques (2015, p. 7), “[...] se traduz por palhaço e suas diferenças técnicas e filosóficas se tornam pequenas quando vemos o que de mais significativo eles têm em comum: a essência humana”. Trabalhar com a figura do *clown* exige uma forte demanda

de autoconhecimento, pois cada pessoa possui em sua história traços que são únicos, pela educação recebida e pelo convívio com as pessoas que teve em sua vida, mas vale ressaltar que toda criança tem uma personalidade, uma forma especial de ser. Esta essência é fortemente resgatada na construção do *clown*; duas atitudes se destacariam como as mais importantes dentro do processo de ensino-aprendizagem — não ter medo de perguntar e não ter medo de errar, pois o local de ensino é justamente o mais apropriado para se perguntar e errar.

No trabalho de Nunes (2017), a figura do *clown* é apresentada através de um olhar dramático e teatral, desenvolvido por Olga Reverbel, Viola Spolin e Ingrid Koudela. Ali passa-se a considerar a utilização do *clown* no seu conceito artístico, de compreensão do corpo voltado ao teatro, porém, que contribui para a percepção do eu no mundo, para o desenvolvimento do pertencimento ao processo como um todo.

Com crítica ao sistema educacional, em relação ao corpo Freire diz “[...] a escola matricula o nome, mas esquece de matricular o corpo [...]” (FREIRE, 2002 *apud* NUNES, 2017, p. 24). A importância de destacar este ponto é pelo fato de que compreender o corpo e sua colocação no mundo faz parte do caminho de construção do *clown*, pois seu instrumento é o corpo, muitas vezes desajeitado e deslocado, mas que mostra a sua essência; assim, temos uma dupla colocação do *clown*, uma lúdica e expansiva e outra crítica e introspectiva.

Partimos então para uma breve reflexão, que nos leva ao autoconhecimento: quando foi a última vez que nos percebemos como aluno ativo e participativo em uma sala de aula? Nunes (2017) faz esta indagação quando fala sobre seu trabalho de formação de futuros pedagogos, postos em uma sala de aula sem carteiras e cadeiras:

Alguns futuros pedagogos conservam em seus corpos um encurtamento oriundo de anos e anos sentados em bancos escolares, onde somente a nuca do colega da frente e o professor em pé são as imagens contidas em sua memória corporal (NUNES, 2017, p. 24).

Este enrijecimento, muito comum nas salas de aulas ainda na atualidade, exige trazer novas ferramentas para quebrar paradigmas e desconstruir estereótipos. Spolin faz uma afirmação importante sobre os jogos teatrais:

[...] As oficinas de jogos teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo [...] (SPOLIN, 2007, p. 209 *apud* ARNDT *et al.*, 2015, p. 2).

Assim, destaca-se a importância da diversificação das ferramentas em sala de aula, pois tanto os jogos teatrais como a formação do *clown* contribuem significativamente para o desenvolvimento de diversas aptidões, principalmente as referidas a comunicações não verbais e relacionamentos interpessoais. Elas permitem também a desconstrução de um ambiente de aprendizagem pré-formatado e que não permite o dinamismo.

Ressalta-se então, dentro do trabalho de Nunes (2017), a importância da formação de educadores e alunos que se permitam sair deste ambiente hierarquizado, impregnado em alunos e alunas amarrados e enquadrados, para dar lugar a “[...]um corpo mais livre, flexível, inventivo, alegre e brincalhão [...]” (NUNES, 2017, p. 24), formando assim, como a própria autora cita, a criação de uma práxis pedagógica mais humanizadora.

O *clown* se desenvolve do eu, sempre de forma exagerada, o que é um forte recurso para o autoconhecimento. Rocha (2015), que utiliza o palhaço-professor e o palhaço-aluno em seu trabalho, menciona a construção do *clown*, mas também percepções de autoconhecimento:

[...] como é meu palhaço? ‘usa peruca, chapéu?’, ‘e o sapato, como é?’, ‘e o rosto dele, como é?’, ‘está com nariz?’, ‘usa maquiagem?’, ele ou ela está rindo?’, ‘o que ele está fazendo?’, ‘e o corpo dele, como é?’, ‘onde ele está, que lugar é esse?’; atividades envolvendo o olhar, o toque, o contato; movimentação em distintos ritmos ou velocidades; representação de expressões de alegria, medo, tristeza, raiva, etc.; criação de formas diferenciadas de comer, lavar as mãos e ou de atuar nos distintos momentos da rotina na condição de “crianças-palhaço” (ROCHA, 2015, p. 80).

Mesmo sendo uma condição voltada a crianças, observa-se que a construção do *clown* tem forte ligação com o eu; permite assim o autoconhecimento, entender nossas limitações, para saber qual a melhor forma de conviver com os erros, como aprender e ensinar.

Do autoconhecimento à construção do *clown*, passamos então por Jacques Lecoq, cujo trabalho está pautado na observação de Freixe (2018, p. 41): “[...] a especificidade do *clown*, distanciado de todos os outros registros e territórios de jogo, onde se trata basicamente de representar alguém, além de si mesmo”. Desta forma, fica implícito quão importante é o autoconhecimento para a formação do *clown*, mas também se torna uma ferramenta estratégica dentro do contexto da sala de aula, pois se tem uma percepção muito maior do entorno quando sabemos quem somos e por que estamos naquele local e naquele momento.

Sem essa máscara imposta pelo meio e por toda a carga histórica de formação de cada sujeito — pois “Não há revestimento em um *clown*” (FREIXE, 2018, p. 41) —, já não temos medo de errar. O autor citado ainda menciona que:

[...] com o *clown* não se tem que entrar num personagem pré-estabelecido. Ele deve descobrir nele a parte *clownesca* que o habita. Quanto menos o ator se defende, menos ele tenta representar um personagem e mais ele se deixa surpreender pelas suas próprias fraquezas, mais chances terá de o seu *clown* aparecer (FREIXE, 2018, p. 41).

De maneira que, quando se utiliza o recurso do *clown*, a excentricidade, a autenticidade e a empatia surgem, formalizando uma proposta mais humanizada, que leva em consideração as subjetividades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem; retira a perspectiva hierarquizada e o torna horizontal.

Ressalta-se que a percepção desta horizontalização e seus ganhos demanda tempo pois, como menciona Nunes (2016, p. 116):

[...] é uma descoberta de si para/no o mundo, de si para com o outro e internamente para, enfim, poder ver o mundo e a Educação com os olhos do *clown*. Um olhar mais sensível, mas aberto, mais livre das amarras sociais às quais estamos tão bem acostumados, infiltrados, inseridos.

Sendo assim, a construção do *clown*, que tem um aspecto muito peculiar, demanda reflexões sobre o eu, de como a pessoa se vê no mundo e como o mundo a vê, como seu amigo a define — brincalhona, séria ou tímida —, mas também leva em consideração muito da criança que ela foi, com resgate de momentos dessa época cheia de descobertas e exploração do mundo.

Na formação do *clown* e do autoconhecimento, um dos acessórios que facilita a visualização do processo, de acordo com Freixe (2018, p. 41) é:

O pequeno nariz vermelho do *clown*, essa bola colorida que ilumina os olhos e arredonda o rosto, age como uma máscara, “a menor máscara do mundo” de acordo com a expressão de Lecoq. Visto que, como uma máscara, o nariz vermelho opera uma mutação. Quando se coloca ele, não é apenas um objeto simples que se coloca sobre o rosto, é um acontecimento que surge.

Mesmo no circo, o objeto de maior desejo na formação do palhaço é o seu nariz; entretanto, este é o último que lhe é entregue, pois move-o o desejo de chegar ao objetivo e oferecer o melhor. Logo, o significado e a representatividade deste objeto na formação do *clown* são essenciais, pois tiveram como antecedente uma construção extensiva sobre a descoberta de si e a construção do seu “eu-palhaço”.

Com o *clown* formado, após todo este decurso de desconstrução e nova construção de si, podemos perceber que o que menos se esconde, o nariz, também é o que mais revela. Revela quem somos, nossas fraquezas e limitações; permite-nos ir mais longe, deixar que o processo de ensino e aprendizagem seja mais fluente pois, como menciona Freire, “quem

ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Fomenta-se, então, a troca de conhecimentos entre os próprios sujeitos da intervenção (FREIRE, 2002, p. 12).

O caminho de formação faz-se horizontal e humanizado; como Nunes (2016) demonstra no seu trabalho acerca dos jogos *clownescos* e suas contribuições para a formação de pedagogos, esses jogos tornam-se relevantes nas experimentações, possibilitadas e implicadas no seu uso como uma ferramenta pedagógica, uma vez que o *Clown* retoma “[...] a discussão sobre a infância, a criação e a invenção na busca de outras perspectivas educacionais” (NUNES, 2016, p. 115). Salienta-se que, desta forma, não existe relação com a utilização do *clown* como um processo-fim, mas sim início e meio, que têm como objetivo a facilitação do processo de ensino-aprendizagem, retirando as amarras da educação tradicional e projetando novas possibilidades.

A desconstrução do conceito atual de educação, em Nunes (2016, p. 115), nos mostra que:

Este estudo em particular pode nos levar a um consenso de que o *clown* ensina e a educadora aprende. [...] o *clown* nos ensina a não hierarquizar os jogos, ensina que os jogos acontecem na horizontalidade, ou seja, o professor joga, aprende, cria, inventa tanto quanto a criança!

Isso implica a quebra do paradigma que indica que o professor é o único detentor de conhecimento dentro da sala de aula; apesar de o *clown* estar destinado à formação de professores/pedagogos de anos iniciais, pode-se muito bem aplicá-lo ao ensino-aprendizado de adultos, nas mais diversas áreas do saber.

Nunes (2016) cita que o processo de ensino-aprendizagem deve ser claro, integrado e, principalmente, humanizado; os resultados de sua pesquisa indicam:

[...] o quanto é importante ter uma relação docente-discente sem arrogância professoral, sem o pensamento hierarquizante, aquele de mão única. Revelaram o quanto a descoberta do corpo, do riso e da alegria transformou as suas vidas dentro e fora da sala de aula. São pessoas! (NUNES, 2016, p. 116).

Desta forma vem à tona a essência do ser humano, sem paradigmas ou delimitações, tornando o sujeito livre para apoiar o processo de ensino-aprendizagem com uma exploração mais ampla de seu ser, que é a base da formação do *clown*. O trabalho de Nunes colabora com as perspectivas de uma autodescoberta, e de como podem ser projetadas, pois afirma:

A descoberta de seus palhaços-*clowns* muito repercutiu em suas carreiras, como por exemplo, enquanto possibilidade de utilizar jogos em suas funções como docentes. O ensinamento do palhaço como algo individual, singular e, muitas vezes, secreto,

mas que o ultrapassa, mostrando-se até num simples olhar, um gesto, um jeito tímido de ser, um riso, gerando com isso, sensações impregnadas em seus corpos (NUNES, 2016, p. 116).

O *clown* favorece a humanização não só do ensino, mas também da figura do professor, uma vez que não o coloca como fonte de todo conhecimento e detentor de toda verdade, mas sim como membro efetivo de ensino e aprendizagem, de troca, pois ao mesmo tempo que ensina, aprende. Esta visão de multiplicidade de aportes positivos também é corroborada por Marques (2015), que cita em seu trabalho o quanto o *clown* contribui para a prática docente e para a educação.

Tendo em vista ainda as questões de erros e acertos, é importante trazer do trabalho de Nunes que:

Pensar em estratégias educacionais induzidas por esse tema da pesquisa não é uma tarefa fácil de ser feita. É difícil para um professor assumir-se como alguém que erra, que fracassa, que tem limitações. Porém, com a descoberta da linguagem *clownesca*, com o riso e a brincadeira, com uma relação horizontalizada com os alunos, acredita-se que será possível reverter esse cenário com propostas de estratégias educacionais mais humanizadas. Para isso, é preciso pensar nos cursos de formação de professores e não apenas em Pedagogia ou Educação Especial (NUNES, 2016, p. 118).

Vê-se então uma proposta arrojada, porém que pode concorrer para a educação humanizada, para o desenvolvimento amplo e pleno de educadores e educandos. Nunes ainda relata que:

[...] procurou-se mostrar nesta pesquisa que é preciso deixar a zona de acomodação balizada pelo erro e pelo acerto. É não enfatizar os métodos da pedagogia dita tradicional (onde relações hierarquizadas estão sempre presentes, baseadas no erro e acerto e na aula expositiva), de forma que se fortaleçam as potências do *clown*-palhaço, fazendo emergir um sujeito mais alegre, risonho, humano (NUNES, 2016, p. 118).

Assim, não bastam modificações nas estruturas educacionais, é preciso que os sujeitos responsáveis por elas mudem; é necessária uma mudança de comportamento e estereótipos acerca de quem detém informação, haja vista que dentro de um processo de conhecimento não existe certo ou errado, verdadeiro ou falso, mas sim análises e reflexões do ponto de vista de cada pessoa envolvida no ensino-aprendizagem e de suas perspectivas e construções anteriores.

Para Marques (2015, p. 9), “no meio escolar formal, sabemos que o erro ainda é visto como uma impossibilidade, como algo digno de vergonha, improdutivo”, mas esta visão se dá porque a “instituição escolar está inserida em uma organização social e cultural e faz parte de

um tempo próprio, com suas necessidades voltadas para o período no qual se encontra” (MARQUES, 2015, p. 21). A construção da educação atual serve para atender exigências do modelo social, que pede profissionais formados e aptos para o mercado de trabalho, a fim de dar continuidade a um modelo econômico exacerbado. Esse modelo não tem preocupação com uma formação crítica e reflexiva sobre a realidade, dando importância somente ao que é certo; desta forma, se deve eliminar o erro ou segregá-lo.

Esta preocupação “em formar pessoas iguais, que não pensem por elas mesmas, que não questionem e que sirvam ao interesse de um sistema” (MARQUES, 2015, p. 8), acaba por segregar as diferentes formas de ser, os diferentes meios de demonstrar inteligência; ou seja, em um ambiente onde existem trinta formas diferentes de se ver o mundo, eliminam-se vinte e nove destas individualidades a fim de exaltar uma, a que atende ao mercado.

Dentro deste processo, o palhaço, o *clown* ou o “eu” exagerado se coloca como ferramenta importante para formação de estratégias que possibilitem a abertura de um espaço, como menciona Marques (2015, p. 31), para a “dialética e a para a democracia do saber”. Assim, é possível reconhecer finalmente as individualidades, os desejos subjetivos, respeitar o conhecimento adquirido de cada indivíduo, formando uma sociedade diversificada e que contribui com o crescimento de cada um em nome do coletivo. Esse caminho pode ser iniciado na formação de crianças, jovens ou de adultos e profissionais.

3 Considerações finais

Observa-se que a projeção do *clown* dentro do âmbito educacional pode propor recursos singulares, que possibilitam a horizontalização do processo de ensino-aprendizagem. Fortalece os vínculos entre docentes e discentes, nos mais diversos patamares educacionais, da aprendizagem na infância até a do adulto.

A utilização do *clown* é destinada principalmente à educação infantil; nas poucas vezes em que o *clown* foi usado com adultos, estava voltado à formação de profissionais que tinham como objetivo a educação infantil. Mostrou-se nas pesquisas que a modificação de uma educação tradicional passa pela alteração dos constructos atuais de ensino, principalmente onde o erro possa ser tratado de forma natural e, muito além disso, onde o ensino se torne humanizado.

Dentro do proposto, observa-se que o objetivo do trabalho pôde ser alcançado, ao demonstrar que o *clown* pode aportar ao ensino, tornando-se uma estratégia de modificação de paradigmas e de conceitos enraizados; mas, para isso, deve ser usado não somente na

educação infantil, mas em todos os momentos de aprendizagem do ser humano, em todas as áreas de conhecimento.

Como o processo de revisão limita que se conheça de forma focal a sustentação dos textos apresentados, sugere-se a realização de pesquisas teóricas e aplicadas sobre como o *clown* contribui no âmbito educacional de forma ativa.

Referências

ARNDT, M. D. *et al.* Arte circense e a educação. In: ENCONTRO MISSIONÁRIO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM CULTURA: DE QUAL CULTURA ESTAMOS FALANDO? 1., São Borja-RS, 2015. **Anais** [...]. São Borja-RS: OMICult, 2015. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2015/04/ARTE-CIRCENSE-E-A-EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

BOTH, I.J. **Avaliação**: “voz da consciência” da aprendizagem. Curitiba: Intersaberes, 2012.

COSTA, T.C.P. **A humanização e o palhaço**: entre significados e sorrisos. 2018. 31 f. Monografia (Graduação em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIXE, G. O *Clown* no ensino de Jacques Lecoq. **Cena**, Porto Alegre, n. 24, p. 37-45, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/cena/article/view/77554>. Acesso em: 22 fev. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 383 p. ISBN 978-85-7302-080-9.

LAKOMY, A.M. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

MARQUES, E. **Clown - O prazer de ser redículo**: por uma proposta lúdica na formação do professor. Orientador: Prof^a. Dra. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos. 2015. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NOGUEIRA, M.O.G. **Aprendizagem do aluno adulto**: Implicações para a prática docente no ensino superior. Curitiba: Intersaberes, 2012.

NUNES, L.F.R. **Repertório de clown na educação**: elementos de uma pedagogia da palhaça na formação de professores. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305327>. Acesso em: 22 fev. 2020.

NUNES, L.F.R. As disciplinas de jogo teatral nos cursos de pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. **Teatro: Criação e construção de conhecimento**, Palmas, v. 5, ed. 2, p. 22-32, 2017.

ROCHA, C.A. **Mediações tecnológicas na educação superior**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

ROCHA, R.A. O *clown* como possibilidade de trabalho pedagógico no âmbito da educação infantil. **Caderno de Formação RBCE**, PortoAlegre, v. 6, n. 2, p. 77-87, set. 2015.

Disponível em:

<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/download/2187/1158>. Acesso em: 22 fev. 2020.

SATO, M. *et al.* Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 123-34, 2016.

SILVA, D.M.; DUARTE, J.C. Sucesso escolar e inteligência emocional. **Millenium**, Viseu, Portugal, v. 42, p. 67-84, jan./jul. 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/1200/1/Sucesso%20Escolar%20e%20Intelig%3%aancia%20Emocional.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SKINNER, F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, Edusp, 2000.

VOLPATO, R. D. Florescer do *clown*: focalizando o cuidar de si e a potencialização da alegria, espontaneidade e presença na arte do *clown*. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS, 2016, Campinas. **ANAIS [...]**. Campinas: Unicamp, 2016. Disponível em:

<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/simposiorfc/article/viewFile/424/363>. Acesso em: 12 dez. 2019.